

**NIEP  
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>Cultura e arte na obra de Antonio Gramsci: disputa de hegemonia e transformação de consciências.</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Marcio José Melo Malta</b>	Universidade Federal Fluminense	UFF	Professor
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Diversos foram os pensadores marxistas que refletiram sobre a relação entre cultura e arte, notadamente no século XX. A proposta em tela visa percorrer as considerações de Antonio Gramsci acerca do papel da arte no processo de formação de consciências críticas, ou a "elevação cultural das massas populares", nos dizeres do autor. A arte cumpriria papel fundamental na "reforma intelectual e moral" propalada pelo sardenho. O campo artístico seria um esforço intelectual, que poderia reproduzir formas de pensar, ou construir novos elos de transformação. Subjacente ao debate, está a questão da hegemonia e a sua disputa no interior da sociedade. O conceito de "luta cultural" será trabalhado na perspectiva da formação de uma mentalidade popular destituída da subalternidade perante às classes dominantes. Antonio Gramsci salienta a função da arte publicada na imprensa como um fator essencial na construção da memória social. Trabalhar-se-á ainda o debate sobre os intelectuais, abordando os artistas como uma modalidade de intelectual ao seu modo. Em termos metodológicos, os esforços se concentrarão na obra de Antonio Gramsci, fazendo o levantamento do tema em questão nos "Cadernos do Cárcere", assim como o levantamento bibliográfico e o cotejo reflexivo dos trabalhos que abordaram tal contribuição, ou seja, a recepção do autor. Ciente das limitações de espaço, será feita a análise da literatura marxiana, as suas ideias centrais acerca da estética e a concepção da relação entre arte e sociedade nos mais diversos teóricos marxistas, como, por exemplo, Leon Trotsky e Guiorgui Plekhanov, identificando proximidades e divergências nessas concepções.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Cultura, arte, hegemonia			
ABSTRACT			
<p>Several were Marxist thinkers who reflected on the relationship between culture and art, especially in the twentieth century. The proposal aims to scroll through the screen of Antonio Gramsci considerations about the role of art in the process of formation of critical consciousness, or "cultural elevation of the masses", in the words of the author. The art fulfill role in "intellectual and moral reform" touted by Sardinian. The artistic field would be an intellectual effort that could reproduce ways of thinking, or build new links transformation. Underlying the debate is the question of hegemony and its dispute within society. The concept of "cultural struggle" will be working from the perspective of the formation of a popular mentality devoid of inferiority before the ruling classes. Antonio Gramsci emphasizes the function of art published in the press as an essential factor in the construction of social memory. Work will be further discussion on intellectuals, addressing the artists as a form of intellectual in his own way. In methodological terms, efforts will focus on the work of Antonio Gramsci, making the survey of the topic in the "Prison Notebooks", as well as literature and the reflective collation of papers dealing with this contribution, ie, the reception of the author . Aware of the limitations of space, will be the analysis of the Marxian literature, its core ideas about aesthetics and design of the relationship between art and society in various Marxist theorists, for example, Leon Trotsky and Plekhanov Giorgi, identifying discrepancies and nearby these conceptions.</p>			
KEYWORDS			
Culture, art, hegemony			
EIXO TEMÁTICO			
Marx pensador da cultura			

Cultura e arte na obra de Antonio Gramsci: disputa de hegemonia e transformação de consciências

Marcio José Melo Malta  
Cientista Político, professor do curso de  
Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (Campos).  
Doutor em Ciência Política (PPGCP/UFF) e cartunista.

## **1. Introdução:**

Diversos foram os pensadores marxistas que refletiram sobre a relação entre cultura e arte, notadamente no século XX. A proposta em tela visa percorrer as considerações de Gramsci acerca do papel da cultura e da arte no processo de formação de consciências críticas, ou a "elevação cultural das massas populares", nos dizeres do autor sardenho. Subjacente ao debate está a questão da hegemonia e a sua disputa no interior da sociedade. Os esforços se concentrarão na obra de Antonio Gramsci, fazendo o levantamento do tema em questão nos "Cadernos do Cárcere", assim como o levantamento bibliográfico e o cotejo reflexivo dos trabalhos que abordaram tal contribuição, ou seja a recepção do autor. Por último, na medida do possível e das limitações de espaço, percorrer a literatura marxista e a concepção da relação arte e sociedade nos mais diversos teóricos, como, por exemplo, Plekanhov e Trotsky, identificando proximidades e divergências nessas concepções.

O objetivo exposto não é registrar Antonio Gramsci apenas como um "teórico da cultura", afinal isso seria um reducionismo de sua contribuição não só acadêmica, como biográfica. Mas o que se apresenta é o esforço em compreender a importância de tal dinâmica no conjunto de suas proposições acerca da esfera política e social.

## 1.1 Alguns aspectos biográficos de Antonio Gramsci

Nascido em 22 de janeiro de 1891, na Sardenha, Antonio Gramsci teve os primeiros contatos com a imprensa operária por conta de um irmão que era dirigente do movimento fabril, que lhe enviava com frequência os jornais sindicais e partidários.

Por conta prisão de seu pai, devido a atividades corruptas no exercício do funcionalismo público, o personagem em questão teve uma infância pobre, tendo que trabalhar desde a mais tenra idade. Some-se a isso a saúde frágil e os problemas de coluna decorrentes de uma doença que o acometeu quando contava apenas dois anos de idade.

Aos 20 anos ingressou na Faculdade de Letras da Universidade de Turim. Contudo, os problemas de saúde e a dificuldade financeira para garantir o seu sustento fizeram com que abandonasse os estudos no último ano.

Na juventude, o sardo se aproximou da militância política, a princípio como jornalista, redigindo artigos para o jornal "Avanti", do Partido Socialista Italiano (PSI). Neste tocante, pode-se aferir a primeira aproximação com o objeto do presente trabalho, pois o trabalho na imprensa acabou por lhe conferir o reconhecimento da dinâmica cultural e da informação para o desenvolvimento social e o estabelecimento de uma consciência crítica através da leitura. Como exemplo de tal aproximação pode ser citada a fundação por sua parte, em 1919, do semanário socialista "L'Ordine Nuovo", um jornal de cultura, depois transformado em jornal diário, que cumpria a função de "porta-voz" dos conselhos de fábrica.

Em 1921, com destacada contribuição, participou da fundação do Partido Comunista Italiano, tendo sido eleito para o seu primeiro comitê central. Esteve presente ainda na edição do jornal "L'Unità", pertencente à sigla comunista.

De personalidade tímida, Gramsci evitava as tarefas e postos de direção no PCI e, por conseguinte, os de maior responsabilidade. Acrescida à sua timidez cabe destacar os empecilhos que sua saúde debilitada lhe impunha. Porém, devido à agudização dos conflitos entre capital e trabalho na Itália - que se modernizava a passos rápidos - mesmo contra a sua vontade, Gramsci foi galgando postos na burocracia partidária. Cabe salientar também que muitos de seus companheiros haviam sido presos, afinal o contexto histórico analisado coincide com a ascensão dos "fascis" ao poder.

Em 1924, Gramsci foi eleito para o parlamento italiano, porém o cerco aos militantes de esquerda fechava-se a cada dia, tendo inclusive ocorrido diversos casos de sequestro de personalidades que se opunham ao novo regime e o posterior assassinato de um dos colegas de plenário de Antonio.

Na sequência dos acontecimentos, mesmo na condição de deputado e dotado de imunidade parlamentar, em oito de novembro de 1926, ocorre a prisão do pensador sardo em Roma. Associado a esse episódio é atribuída a um dos promotores a famosa frase de que era necessário deixar aquele cérebro vinte anos sem pensar.

Porém, a história nos demonstra que ocorrera exatamente o inverso. O franzino e corcunda Gramsci se ocupou de escrever nas diversas cadeias por qual passou, em um verdadeiro périplo de angústias e sofrimento que somente terminaria em 1937, quando foi solto, mas logo após, na data de 27 de abril, veio a falecer. O resultado de tais anotações, foi reunido e publicado dez anos após a sua morte, ganhando a denominação dos "Cadernos do Cárcere". Tal leque de livros irão servir de base para a reflexão acerca da importância da cultura e da arte no seio da obra do pensador.

## **2. Cultura e arte na obra gramsciana**

A partir da prisão, a relação de Gramsci com a obra de Karl Marx, antes marginal, foi aprofundada. As releituras de alguns conceitos do pensamento marxiano vão permitir a instalação de novas perspectivas, como, dentre outras, a capital discussão acerca da importância da "sociedade civil", além das noções de "hegemonia" e da conformação de um "bloco histórico".

Gramsci ameahou uma importância tal no campo dos estudos da cultura popular, ou subalterna, como o autor preferia, que acabou por gerar quase uma obrigatoriedade nos estudiosos do tema em referenciar as suas abordagens no leque de elementos trabalhados pelo autor italiano. Quem assinalou com maestria tal discussão foi Eric Hobsbawn, em seu último livro publicado em vida, "Como mudar o mundo":

Na realidade, hoje em dia talvez seja difícil ou impossível para um historiador discutir os problemas da cultura popular, ou de qualquer cultura, sem aproximar-se de Gramsci, ou sem fazer um uso mais explícito de suas ideias (...) (HOBSBAWN, 2011, pág.310).

Um dos debates que interessam ao plano de trabalho por ora exposto é a categoria de "intelectuais orgânicos", ou seja, indivíduos que estariam comprometidos integralmente com as suas respectivas classes sociais. Nesse tocante, é vital a compreensão dos artistas como integrados a essa lógica. Ou seja, como bem já havia o russo Plekhanov, os indivíduos não podem ser

compreendidos como átomos desprendidos de seu tempo e de suas condições concretas. Afinal, as ações dos indivíduos no decorrer da história são frutos das relações sociais (PLEKHANOV, 2000).

Ainda acerca da discussão gramsciana sobre os intelectuais, Michael Lowy reconhece em sua obra "Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários" que:

Exceto Gramsci, raros foram os intelectuais marxistas que tentaram explicar este fenômeno, não obstante decisivo para o movimento operário e cada vez mais importante e frequente no curso do século XX (LOWY, 1979, pág. X.).

Gramsci soube alargar a definição proposta por Marx, onde os intelectuais estavam restritos à burguesia e quando muito um setor restrito da mesma passa para o lado dos proletários. A partir de Gramsci, mas não só, podemos vislumbrar a defesa por parte de alguns intelectuais da tomada de uma posição político-ideológica em prol de uma cultura proletária.

Justiça seja feita, outro autor que também apontou a relação ético-cultural dos intelectuais e uma tendência dos artistas a se radicalizarem foi Lukács. O filósofo húngaro demonstrou que existia uma insatisfação dos intelectuais pequeno-burgueses para com o capitalismo, pois o mesmo reificava os elementos de sua produção, convertendo os mesmos em meras peças mercadológicas, com a estrita preocupação monetária.

Próximo a esse debate estão as ideias expostas por Adolfo Sánchez Vázquez, em seu "As ideias estéticas em Marx", onde pondera que:

Esse conteúdo determinado do trabalho é próprio de todo trabalho verdadeiramente criador e, mediante ele, assemelha-se à arte. Disto resulta que, ao perder essa determinabilidade nas condições do trabalho assalariado, o trabalho e a arte se divorciam, isto é, o trabalho perde o caráter artístico que ainda possuía na Idade Média no ofício do artesão. a relação de estranhamento e oposição do capitalista e do operário, bem como entre seus produtos, traduz-se assim na separação e oposição entre a arte e o trabalho, na medida em que este não mais se revela num princípio criador, artístico" (VÁZQUEZ, 2011, pág. 192).

Retomando as proposições de Gramsci, encontra-se de modo claro a definição do papel estratégico da cultura e arte: o processo de formação de consciências críticas, ou nos seus dizeres a "elevação cultural das massas populares" (GRAMSCI, 2002). Assim, a discussão da arte está sempre engendrada na perspectiva de uma transformação da sociedade.

As massas populares deveriam ser retiradas da posição de subalternidade cultural em que se encontram, buscando iniciativas para a sua elevação intelectual e moral. Nesse sentido que ao discutir formas de disputa de hegemonia, Gramsci recomenda a criação por parte das classes

subalternas de mecanismos e organismos próprios de difusão cultural e por conseguinte o esvaziamento dos órgãos das classes dominantes. Pode-se reconhecer em tal ponto uma coerência explícita na conduta de Gramsci que sempre esteve à frente em projetos de tal monta, sendo que podem ser citados nesse escopo os já citados anteriormente jornais "L'Ordine Nuovo" e "L'Unità".

Para aflorar a perspectiva do conceito de hegemonia trabalhado por Gramsci, pode ser citada a seguinte passagem da pesquisadora Rosemary Dore:

Os grupos dominantes se utilizam de múltiplos e complexos meios na sociedade civil para tornar o seu pensamento hegemônico. Constroem na sociedade civil o que Gramsci chama de complexo de 'trincheiras e fortificações', do qual participam os mais diferentes organismos e procedimentos para compor um 'clima cultural', voltado para produzir e manter concepções de mundo que garantam sua expansão e direção sobre a sociedade. São formas de conceber o mundo e de agir no mundo que envolvem o senso comum, as crenças populares, a religião, os comportamentos, os costumes, os projetos e os ideais das comunidades, os conteúdos e as intenções de anedotas, a música, a literatura, a formação do 'gosto' cultural (...) (DORE, 2011 pág.84).

Mais adiante, Dore afirma que para Gramsci a tarefa filosófica de formação da mentalidade popular seria concebida em Gramsci como uma verdadeira "luta cultural", onde a filosofia cumpre o papel de crítica ao "senso comum". Esse processo seria lento e gradual, pois a cultura na perspectiva gramsciana seria o produto de uma complexa elaboração, haja visto a infindável lista de elementos que a compõem e influenciam.

A complexidade do processo acima listado seria ainda mais árdua devido à necessidade da capacidade de abstração que está presumida no questionamento do "senso comum". Estaria em pauta o desenvolvimento de "técnicas de pensar", aspecto este que somente seria impulsionado a partir da educação, posto que tais mudanças não se dão de uma forma espontânea, mas sim a partir do "marxismo na batalha das ideias", para usurpar um termo utilizado por Leandro Konder no título de uma de suas obras.

No tocante à forma com a classe dominante consegue reproduzir a sua estrutura ideológica, Gramsci aponta três aparatos fundamentais: a imprensa, a editora e a escola. Destes, a imprensa seria o pólo mais dinâmico da produção de ideologia e opinião pública.

Acrescidos aos aparatos acima listados, estariam ainda o rádio, o cinema e os meios de comunicação de massa que colaboram para difundir a hegemonia dominante na sociedade civil. Segundo Mário Maestri e Luigi Candreva: "Na sociedade capitalista madura, a difusão do

'material cultural' da ideologia seria um processo capital que se aprofunda crescentemente" (CANDREVA, Luigi & MAESTRI, Mário, 2007, pág. 242).

Ao discorrer sobre a literatura popular, um de seus temas mais abordados, Gramsci assevera que a determinada produção artística, não basta ser bela. É necessário ainda um profundo conteúdo ideológico e moral. Porém, o autor italiano não incorre no mesmo erro que os superficialistas realistas soviéticos reproduziram, e reconhece um caráter específico da arte, não somente como uma derivação política.

O que está em pauta é a defesa por parte de Gramsci de que a arte cumpra a função de estar coadunada com os interesses do povo, estando circunscrita a uma determinada fase histórica. Vázquez define com precisão ao comentar esse posicionamento gramsciano, o afastando do reducionismo acima elencado: "O critério político pode ser aplicado a uma obra de arte contanto que não esperemos desta mais do que ela pode dar" (VÁZQUEZ, 2011, pág. 252.).

Vázquez dialoga com as questões de Gramsci e aponta ainda para uma problemática dialética, ao indicar que "a arte popular é a verdadeira arte de seu tempo, mas, também, por isso, é a arte capaz de vencê-lo, de superá-lo" (*id., ibid.*, pág. 253).

Outro que se aproxima de Gramsci quando a discussão é o conteúdo das obras de arte é Leon Trótsky, que chegou a trocar correspondências com o italiano, a título de solicitar informações sobre o movimento futurista italiano. Trotsky defendia que:

não significa...o desejo de dominar a arte por meio de decretos e prescrições. É falso que só consideramos nova e revolucionária a arte que fala do operário. Não passa de absurdo dizer que exigimos dos poetas apenas obras sobre chaminés de fábricas ou sobre uma insurreição contra o capital (TROTSKY, *apud.* BANDEIRA, 2007, pág. 12)

Ao discorrer sobre a literatura, Gramsci se supera e ao definir as concepções de mundo distintas que dissociam o político e o artista, o pensador se revela de extrema sensibilidade ao dispor o dilema da seguinte maneira:

No que diz respeito à relação entre literatura e a política, é necessário levar em conta o seguinte critério: o literato deve ter necessariamente perspectivas menos precisas e definidas que o político, deve ser menos "sectário", se assim se pode dizer, mas de uma maneira 'contraditória'. Para o político, toda imagem 'fixada' de antemão é reacionária; o político considera todo o movimento em seu *devenir*. O artista, ao contrário, deve possuir imagens 'fixas' e solidificá-las definitivamente. O político imagina o homem como é e, ao mesmo tempo, como deve ser para atingir

um determinado fim; seu trabalho consiste exatamente em levar os homens a se moverem, a saírem de seu ser atual e a se 'conformarem' a tal fim. O artista apresenta necessariamente, de um modo realista, 'o que existe' em determinado momento - de pessoal, de não conformista, etc. Por esse motivo, a partir de seu ponto de vista, o político jamais estará satisfeito com o artista e nunca chegará a estar. Sempre o considerará atrasado com relação à época, anacrônico e superado pelo movimento real (GRAMSCI, 1968, pág. 13).

Acerca das diferenças entre os papéis protagonizados por artistas e políticos, outro autor que também pensou em marcos próximos aos de Gramsci é o já citado anteriormente Plekhanov que delimitou as seguintes esferas:

O artista expressa seu pensamento por meio de imagens, enquanto o publicista comprova suas ideias com argumentos lógicos. Se um escritor emprega argumentos lógicos em lugar de imagens, ou se as imagens que criou lhe servem para demonstrar tal ou qual assunto, não se trata de um artista, mas de um publicista, mesmo que escreva, em vez de ensaios e artigos, romances, contos ou peças de teatro” (PLEKHANOV, *apud*, BANDEIRA, pág. 24).

Desenvolvendo a questão, pode-se recorrer à noção de "reforma intelectual e moral" defendida por Gramsci. Como se daria essa transformação é o fio da discussão a ser feita. Uma nova concepção de mundo somente seria possível a partir do momento que novas correlações estivessem postas. E mesmo sendo uma composição *avant la lettre*, com segurança pode-se afirmar que Gramsci detinha o conhecimento da importância dos elementos simbólicos na disputa de hegemonia do proletariado. Aqui entra a noção de cultura, intimamente apresentada em correlação com o problemas dos intelectuais socialmente engajados.

Segundo Gramsci, seria um equívoco falar em uma "nova arte", mas o que deveria ser defendido seria uma "nova cultura". Novos artistas não poderiam ser criados artificialmente. Daí sim, surgiriam novos artistas, com outras preocupações, com novas intuições da vida e de sentir e ver a realidade. Uma das passagens que corroboram tal ponto de vista seria a afirmação de que:

(...) a arte é sempre ligada a uma determinada cultura ou civilização e que, lutando-se para reformar a cultura, consegue-se modificar o 'conteúdo' da arte, trabalha-se para criar uma nova arte, não a partir de fora (pretendendo-se uma arte didática, de tese, moralista), mas de dentro, já que o homem inteiro é modificado na medida em que são modificados seus sentimentos, suas concepções e as relações das quais o homem é a expressão necessária (GRAMSCI, 2002, pág. 35).



Existiria assim, uma unidade cultural-social, onde a vontade coletiva poderia interferir para transformar o momento cultural através da atividade prática.

A ampliação do número de artistas em uma sociedade pós-revolução também foi discutida por Gramsci. A existência de novos artistas seria uma consequência aberta pelas novas formas de pensar o mundo. Aqui pode se observar o uso do conceito de hegemonia: "Um novo grupo social que entre na vida histórica com postura hegemônica, com uma segurança de si que antes não possuía, não pode deixar de produzir de seu seio personalidades que, antes, não teriam encontrado força suficiente para se expressarem completamente num certo sentido" (GRAMSCI, 1968, pág.9).

Porém, como salientou Bianchi em seu denodado estudo "O Laboratório de Gramsci", não cumpre enxergar Gramsci tão somente como um estudioso das culturas. Como afirmado anteriormente, não seria condizente com a realidade sintetizar Gramsci como um indivíduo preocupado com as belas-letas ou algo que o valha. Tal leque de reflexões deve estar intimamente associado a suas propugnações no campo da política. A esse respeito Bianchi admoestou:

É absolutamente surpreendente que Antonio Gramsci tenha sido apresentado ao público italiano do pós-guerra primeiramente como um "teórico da cultura". E mais surpreendente é a persistência dessa imagem. Certamente há nos *Quaderni* uma abordagem consistente da cultura e, particularmente, da cultura italiana. Nos diversos planos de trabalho que antecederam o início da redação dos *Quaderni* essa questão aparecia de modo persistente. E mesmo após o início da redação ela permanece. Mas a questão que a partir de determinado momento passou a organizar o empenho gramsciano era outra: a política.(BIANCHI, 2008, pág.143).

Em Gramsci encontra-se bem definido que a preocupação com esses termos não se dá em um cenário vazio e de preocupações meramente estéticas ou moral, mas sim a partir de uma concepção sólida e definida do protagonismo de tais elementos na formação daquilo que Che Guevara chamou alhures da constituição do "novo homem".

A opção acima apontada pode ser observada na definição feita por Hobsbawm do comportamento explícito do autor italiano ao abordar temas culturais. De tão pujante, a passagem pode ser vir perfeitamente à guisa de conclusão da presente seção:

Contudo, a força da atividade intelectual de Gramsci nesse campo, como em todos os outros sobre os quais refletiu e escreveu, está no fato de ele nunca ser puramente acadêmico. A práxis estimulou e fertilizou sua teoria, e foi a finalidade dela. A influência de Gramsci sobre os estudiosos da ideologia e da cultura tem sido tão

acentuada porque, para todos aqueles envolvidos com a cultura popular, o interesse também não é puramente acadêmico. O objetivo de quase todos os que realizam esses estudos não é, basicamente, escrever teses e livros. Como Gramsci, eles estão profundamente interessados no futuro, tanto quanto no passado: no futuro das pessoas comuns que formam a maior parte da humanidade, inclusive a classe operária e seus movimentos, no futuro das nações e da civilização (HOBSBAWN, 2011, pág.310).

### **3. Considerações finais**

Distante de buscar conclusões, o amontoado de apontamentos aqui expostos, constitui-se como um exercício primeiro de analisar algumas questões acerca da cultura e da arte na obra de Gramsci. Buscou-se ainda relacionar todo o manancial de elementos presentes na contribuição deste autor, com um diálogo aberto entre as ideias não só do inspirador Marx, como também daqueles pensadores que beberam nessa mesma fonte e também aludiram a mesma problemática aqui inscrita.

Avanços nesse campo são inegáveis e novas perspectivas estão abertas na tentativa de compreender a importância capital do elemento simbólico que constituem a cultura e a arte no seio das transformações sociais. A arte, por sua dicotômica constituição entre abstração e prática, é escorregadia e fluída, mas cada vez mais fundamental na formação de novas formas de pensar e não obstante, no agir.

### **Referências bibliográficas:**

BIANCHI, Álvaro. O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política. São Paulo, Alameda, 2008.

BANDEIRA, Moniz. Prefácio. *In*: TROTSKY, Leon. Literatura e revolução. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2007.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Volume 3: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. Volume 6: literatura, folclore, gramática. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. Literatura e vida nacional. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

HOBBSBAWN, Eric. Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840 - 2011. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

MAESTRI, Mario. Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário. São Paulo, Expressão Popular, 2006.

LOWY, Michael. Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. As ideias estéticas de Marx. São, Expressão Popular, 2011.

DORE, Rosemary. Linguagem e técnica de pensar em Gramsci: elevação cultural das massas populares e conquista da hegemonia civil. *In*: SEMERARO, G.; MARQUES, M.; TAVARES, P.; SEMERARO, GIOVANNI; OLIVEIRA, MARCOS MARQUES DE; SILVA, PERCIVAL TAVARES DA; LEITÃO, SÔNIA NOGUEIRA. **Gramsci e os movimentos populares**. Niterói: Ed. UFF, 2011.